



I want to read and write in the short film “Vida Maria”: A child’s pleading, manifest in the utterance “You stay there, doing nothing, just drawing the name!”

Quero ler e escrever no curta “Vida Maria”: rogo infantil manifesto no enunciado “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”

BEZERRA, Jane Cleide dos Santos⁽¹⁾; BOMFIM, José Cleisson⁽²⁾; SANTOS, Eliane dos⁽³⁾

⁽¹⁾ 0000-0003-3900-7472; Universidade Estadual de Alagoas/Professora Adjunta e pesquisadora na área de linguagem e ensino, BRAZIL. E-mail: jane.bezerra@uneal.edu.br.

⁽²⁾ 0000-0002-0633-4250; Universidade Estadual de Alagoas/Graduando do Curso de Letras/Português -campus I, BRAZIL. E-mail: josebomfim@alunos.edu.br.

⁽³⁾ 0000-0002-8686-8841; Universidade Estadual de Alagoas/Graduanda do Curso de Letras Português/Francês – campus I, BRAZIL. E-mail: eliane.santos3@alunos.edu.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

This paper is about a reading proposal based on the dialogic concept of evaluative intonation, as a tone of social discursive practices, from the analysis and understanding of the statement “Stand there, doing nothing, drawing a name” in the movie “Vida Maria”, from the manifestation of the evaluative intonation. The procedures aim to analyze the verbally expressed speech, added to gestures, movements, facial expressions, body postures, drawings, landscapes, etc. addressing to understand the implicit and explicit children’s pleas, which they externalize the desire for inclusion in schooling processes. For the theoretical-conceptual discussion, It is considered that language and meanings emerge from the individuals experiences in the multiple social-evaluative relationships established in their environment, precisely because they are anchored in the social collective. The research it is underpinned in Bakhtin (2003[1979]; Volóchinov (2019[1926]; Medviédev (2016[1928]); Abramowicz (2016). The methodological section analyzes the discourse uttered in the short film, “Stand there, doing nothing, drawing a name”, stand on the theoretical characteristics of the concept defined by Bakhtin’s Circle and Bezerra (2020). The preliminary results indicate that intonation, when considered and worked in the process of understanding genres, verbal-visual, audiovisual, among others, raises shared social practices, cooperating with assimilation, re-evaluation and updating of the word in use, contributing to the construction of meaning and, consequently, to the interpretation of discursive genres.

RESUMO

Neste artigo, apresentamos uma proposta de leitura assente no conceito dialógico de entonação valorativa, enquanto tom das práticas sociais discursivas, a partir da análise e da compreensão do enunciado “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome”, no filme “Vida Maria”, considerando a manifestação da entonação valorativa. O planejamento deste estudo visa o cumprimento do propósito de analisar o discurso verbalmente expresso, somado aos gestos, aos movimentos, às expressões fisionômicas, às posturas corporais, aos desenhos, às paisagens etc., objetivando compreender os rogos infantis implícitos e explícitos, que exteriorizam o desejo de inclusão em processos de escolarização. Para a discussão teórico-conceitual, consideramos que a linguagem, a língua e os sentidos emergem das experiências vivenciadas pelos indivíduos nas múltiplas relações sócio-valorativas estabelecidas no meio em que vivem, justamente, por estarem ancorados no coletivo social. Para tanto, pautamo-nos nos estudos de Bakhtin (2003[1979]; Volóchinov (2019[1926]; Medviédev (2016[1928]); Abramowicz (2016). No plano metodológico, analisamos o discurso proferido no curta: “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome”, a partir das características teóricas do conceito definido pelo Círculo e por Bezerra (2020). Os resultados preliminares apontam que a entonação, ao ser considerada e trabalhada no processo de compreensão de gêneros, verbo-visuais, audiovisuais, entre outros, suscita práticas sociais compartilhadas, desse modo, coopera com a assimilação, a reavaliação e a atualização da palavra em uso, a contribuir na construção de sentidos e, consequentemente, na interpretação dos gêneros discursivos.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 21/10/2021

Aprovado: 10/01/2022

Publicação: 02/04/2022



Keywords:

Statement, Evaluative Intonation, Dialogic reading.

Palavras-Chave:

Enunciado, Entonação valorativa, Leitura dialógica.

Introdução

Esta pesquisa é fundamentada nos estudos do Círculo de Bakhtin que trata a entonação valorativa como um elemento constituinte do próprio enunciado. Como estudiosos das linguagens pretendemos, a partir do horizonte axiológico, voltar o olhar para a compreensão de uma infância enquanto elemento que age integralmente sobre as crianças, deliberando seus modos de ser e de agir e determinando uma mesma infância, ou seja, desautorizando a criança ante a condição de se questionar sobre ela própria.

Cabe à entonação, manifestar no enunciado, as valorações compartilhadas nos grupos sociais. Isso nos permite defender que a mobilização desse conhecimento em processos de compreensão e de interpretação de textos, se constitui em uma ação bastante significativa, justamente, porque a entonação coadjuva com a produção de sentidos. Fato que justifica nossa proposta de trabalho, já que objetivamos mostrar que a percepção das características da entonação valorativa no enunciado, conduz à sua compreensão e à sua interpretação. Para tanto, tomamos como materialidade modelar de análise, o enunciado “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”, verbalmente expresso no curta-metragem “Vida Maria”, pela personagem protagonista. A proposta de leitura por esse viés dialógico-valorativo, admite a manifestação do rogo infantil de querer ler e escrever, a desvelar que a constituição do ser criança depende da infância que lhe é proporcionada.

No campo dos Estudos da Criança, é comum o estabelecimento de discussões críticas acerca do trabalho infantil, porque há o entendimento constituído de que a criança, enquanto sujeito de direito, ao assumir o trabalho do adulto, tem seus direitos cerceados e, conseqüentemente, sua infância comprometida. Desse modo, analisar o enunciado fílmico aqui proposto, é colocar em evidência, elementos que abarcam não somente a pobreza na qual a criança, personagem do filme está imersa, mas também, os espaços habitados e as condições sociais, que são similares à vida de tantas outras crianças no mundo real. Vislumbramos, com essa pesquisa, corroborar com a compreensão das estruturas sociais constituidoras dos sujeitos sociais, configurados em um espaço-tempo que contribui com o processo de invisibilidade da criança. Seguimos, pois, na esteira de pensamento de que “é a infância que deveria iluminar todas as pesquisas sobre crianças [...], pois é ela quem carrega a possibilidade de mudança (Abramowicz; Moruzzi, 2016, p. 33).

Para o atendimento do nosso objetivo, após termos apresentado o aporte teórico, fizemos o recorte da cena inicial do filme, na qual o tema é instaurado, a servir de base à análise. Essa base aponta para dois momentos da vida da personagem, recortes da análise principal, por trazerem à tona os processos de interiorização, de organização e de expressão do enunciado-referência deste estudo. O primeiro momento é configurado na adolescência e, o segundo, no período da vida idosa. A estrutura retórica do texto é organizada em torno de uma discussão tecida a partir das concepções teórico-metodológicas advindas do Círculo de Bakhtin em relação ao enunciado; seguida da apresentação das características da entonação valorativa;

da descrição dos procedimentos metodológicos e da análise do enunciado-referência. Após, essa tessitura, as considerações finais são apresentadas, a sobrelevar o posicionamento assumido pelos pesquisadores-autores, de que a entonação valorativa é um elemento essencial no processo de análise e de compreensão dos enunciados.

O enunciado no fluxo da comunicação discursiva

A comunicação entre os sujeitos nunca se realiza de modo isolado, longe do seu grupo social, ao contrário, o sujeito é sempre um partícipe ativo do fluxo único da vida social, logo, “reflete em si a base econômica comum, interage e troca forças com outras formas de comunicação” (Volóchinov, 2019[1926], p. 117). Nisto, consiste a noção de que toda e qualquer comunicação somente pode ser estabelecida nas múltiplas esferas do cotidiano, porque está sempre ligada à vivência experimentada por cada indivíduo que a produz, por isso, não pode ser separada dele. Em outros dizeres, a palavra, concebida como enunciado, emerge no processo de interação social e nele é estabelecida (Volóchinov, 2019[1926]), por isso, o Círculo reputa o enunciado como unidade viva da comunicação discursiva. Para Bakhtin, o texto, na condição de enunciado, se constitui como uma possibilidade de expressão pelo fato de conceber que “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente num contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)” Bakhtin (2003[1979], p. 312).

A partir dos estudos do Círculo, compreendemos que o enunciado se consubstancia como um conjunto de posicionamentos em resposta a outros posicionamentos que vieram antes dele, porquanto, permite a construção de respostas que vêm depois e a partir dele. Bakhtin (2003) afirma também que a constituição de um enunciado se dá em relação aos enunciados precedentes e antecedentes na cadeia de comunicação. Com efeito, um enunciado solicita uma resposta, resposta que ainda não existe, fato que permite conceber a linguagem e, por conseguinte, o enunciado, enquanto um fenômeno social disposto em uma cadeia de comunicação ininterrupta (Bakhtin, 2003[1979]). Com isso, entendemos que a concepção de dialogismo e interação são complementares, visto que, toda situação que exige o uso linguístico conclama manifestações discursivas. Estas, por seu turno, dialogam entre si, por isso, a materialidade linguística necessita da interação para ser analisada, compreendida e interpretada. É tão somente pela linguagem, enquanto fenômeno social, que podemos assimilar os signos ideológicos, já que eles não só refletem como também refratam as particularidades das esferas que integram.

Vale relembrar que o método formal ao ser questionado pelo Círculo, partiu do entendimento de que ele não consegue alcançar a análise dos enunciados da vida cotidiana, precisamente, por não considerar a necessidade de ligação entre o enunciado expresso e a situação extraverbal que o engendra. Essa condição é indispensável à interpretação do enunciado concreto, pelo fato de ele ser constituído pelos elementos verbais, mas, determinado

pelas imposições reais da situação extraverbal. Dito de outro modo, o enunciado é parte constitutiva tanto da estrutura quanto da significação em que reside as valorações. Daí afirmar, que o tom valorativo é fundido no todo do enunciado, a contemplar um dado da vida concreta, a constituir, assim, uma unidade indissolúvel (Volóchinov, 2019[1926]). Na prática, o falante “que enuncia, num determinado espaço e tempo, elege os elementos linguísticos e discursivos que compõem seu texto, a avaliar a situação como um todo a partir do interlocutor. Sua expressão não só reflete o contexto, como também, integra uma valoração” (Bezerra, 2020, p. 47).

Nessa perspectiva, o enunciado visto como um evento novo e único que agrega outra significação. As significações são sempre determinadas pela interação estabelecida entre os interlocutores e o tema do discurso, fato que exige a inserção do enunciado no contexto de vida real, porque é exatamente nesse contexto que o enunciadador entra em contato com o seu “outro”, com o seu interlocutor. Por isso, o Círculo defende que “cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, nisso, reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história” (Bakhtin, 2003[1979], p. 310).

Por esse prisma, o enunciado é concebido como unidade palpável da comunicação discursiva, o que força o estabelecimento de limites na cooperação estabelecida entre o locutor e o interlocutor. Bakhtin (2003[1979]) afirma que esse movimento se constitui como uma parceria firmada entre os falantes que regula de modo ativo a produção, a recepção e a circulação do discurso. Justamente, por isso, o enunciado possui seu acabamento e limite instalados na alternância dos sujeitos. São esses elementos determinantes para a geração de uma atitude responsiva ativa, a partir da compreensão dos seus significados. E isso somente ocorre no processo de interação instaurado entre eles, porque todo falante se constitui no ato comunicativo. Na prática, ele é um interlocutor ativo, independentemente do nível de responsividade. Isto porque, “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante” (Bakhtin, 2003[1979], p. 271).

Desse modo, anuímos que o ato de enunciar presume considerar a posição daquele que fala em relação ao seu ouvinte. O que implica dizer, que a resposta do sujeito que ouve se dá pela tomada de posição na enunciação, logo, este posicionamento é, valorativamente marcado, porque a avaliação feita em relação ao enunciado do seu outro, se corporifica no seu próprio dizer. Isso nos leva a inferir que a resposta do ouvinte em relação ao seu falante considera os fatores verbais e o vínculo entre o discurso a ser proferido e a situação circundante, já que o discurso é inevitavelmente dialógico, porque só se realiza na interação verbal. Na verdade, o que constitui um enunciado é a contraposição de um falante (um eu) e um ouvinte (um outro). Bezerra (2020, p. 48), ancorada em Bakhtin, afirma que pelo fato de “o enunciado se constituir em uma instância de conclusibilidade acabada, não pode jamais significar isolado das relações dialógicas com outros enunciados”. Para o Círculo,

os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes [...]. O falante termina o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou (Bakhtin, 2003[1979], p. 275, grifos do autor).

Vemos, desse modo, que em cada enunciado é retratado o posicionamento de sujeitos em situações específicas de interação, a revelar a alternância dos sujeitos do discurso que enunciam no meio social amplo. Para o Círculo, a alternância acontece tanto numa relação face a face, a exemplo de uma conversa cotidiana, quanto no interior de enunciados, no qual se pode perceber a manifestação de outros tantos de dizeres ditos, proferidos por outros tantos parceiros. Considerando o objeto de análise deste trabalho, ressaltamos a perspectiva de Bakhtin (2003[1979]) em relação ao enunciado estético, para tanto, o autor toma como exemplo, a obra de arte, explicando que na condição de enunciado, ela se efetiva no processo de interação verbal desenvolvido pelos sujeitos, já que estes, se alternam por meio da réplica. Nesse sentido, é preciso sobrelevar a escolha do gênero filme, enquanto representação genuína da arte, porque ao considerarmos o enunciado “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”, como materialidade a ser analisada axiologicamente, o fizemos pelo acatamento de que replicar significa colocar-se numa posição definida em relação ao enunciado.

A réplica é tida como uma reação, uma resposta ao que foi manifestado. Consiste, pois, no entendimento do que o outro disse, por isso, ela é realizada ao término do dizer do outro. Nesse caso, vê-se outra peculiaridade do enunciado que é a “conclusibilidade”, ou seja, todo discurso verbalmente expresso apresenta aspectos dentro dele que apontam para uma espécie de finalização, de conclusão do dizer. Para Bakhtin (2003[1979]), esse caráter conclusivo se constitui na segunda peculiaridade do enunciado, a esse respeito, o autor informa que a conclusibilidade “é uma espécie de aspecto interno da alternância dos sujeitos do discurso; essa alternância pode ocorrer precisamente porque o falante disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (Bakhtin, 2003[1979], p. 280, grifos do autor).

Os elementos que determinam o acabamento do enunciado são definidos e organizados em torno do gênero e da esfera da comunicação em que circulam. Para tanto, três fatores se constituem como basilares no sentido de determinar o acabamento do enunciado. O primeiro deles, é a exauribilidade temática. Sobre esse aspecto, é pertinente ponderar que o tema do enunciado, para ser plenamente exaurido, requer que o falante acesse tanto os elementos estáveis da significação quanto os elementos que compõem a situação social e histórica da produção, da recepção e da circulação do enunciado. Dito em outras palavras, para esgotar a

palavra na condição de enunciado, é necessário mensurar todos os elementos que a vincula ao contexto extraverbal. Esse primeiro aspecto leva à constituição do segundo, que é o projeto discursivo ou vontade de dizer do locutor. A vontade discursiva é, por assim dizer, um fator estilístico-composicional, também responsável por definir o volume do enunciado e as fronteiras que o delimitam (Bakhtin, 2003[1979]). O último elemento diz respeito às formas composicionais relativamente estáveis dos gêneros dos enunciados. O que implica dizer que para analisar e entender as formas composicionais é preciso considerar a relação estabelecida entre o gênero e à esfera em que ocorre o intercâmbio verbal, devido à infinidade de gêneros existentes que se manifestam em campos de comunicação verbal específicos.

Finalmente, em relação ao enunciado é importante dizer que em algumas esferas, o enunciado tem seu tema plenamente esgotado. Como exemplo dessa possibilidade, Bakhtin (2003[1979]) aponta as ordens militares dadas nos campos oficiais, por apresentarem uma espécie de padronização. Já no que concerne ao campo da criação, baseada nos estudos do próprio Círculo, Bezerra (2020, p. 50) argumenta que os gêneros “são inesgotáveis as possibilidades de sentido do tema, a competir ao projeto discursivo do falante à demarcação da totalidade do enunciado”. É o projeto de dizer do falante que vai determinar a forma composicional do enunciado. Essa escolha se dá em anuência à esfera de atividade e ao próprio gênero. É, pontualmente, na expressão do dizer, que o conteúdo temático é exaurido e o gênero, de fato, se efetiva. O sujeito falante sempre espera do sujeito ouvinte um retorno à sua ação comunicativa, até porque a ação do falante tem sempre como objetivo a provocação de uma resposta. Para o Círculo, essa é a principal e a mais importante característica do enunciado, “justamente porque a linguagem é concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (Brait, 2008, p. 65).

A reflexão aqui realizada, nos permite compreender o enunciado enquanto unidade viva da comunicação discursiva e, ao mesmo tempo, assumir que é por meio do enunciado que a linguagem se efetiva concretamente, já que essa dinâmica sempre provoca uma postura ativa por parte daquele a quem o discurso é dirigido. Em relação a isso, Bezerra (2020, p. 53) alega que “essa relação estabelecida entre os sujeitos é marcada por um posicionamento responsivo-valorativo, nesse movimento, a entonação axiológica é apontada como um dos elementos responsáveis pelo compartilhamento do valor no processo de interação verbal.” Precisamente por isso, o enunciado deve ser compreendido na consideração do horizonte valorativo dos sujeitos falantes. É esse entendimento que confere ao enunciado, a condição de elemento ideológico na corrente da comunicação verbal.

Características da Entonação Valorativa

Para Medviédev (2016[1928]), a entonação valorativa é incumbida de dar cor ao sentido e ao som da palavra. Ao tomarmos o enunciado fílmico para a análise modelar neste artigo, baseamo-nos na ideia de que como acontece na fala cotidiana, o discurso fílmico deve ser analisado tanto pela voz do sujeito falante e sua entonação quanto pela gesticulação e pelas expressões fisionômicas, faciais, etc., na verdade, é necessário, reconhecer a voz social manifesta a partir do lugar de fala ocupado pelo sujeito-falante.

Quando falamos de entonação, precisamos esclarecer que não a tratamos somente como um elemento prosódico, que visa à avaliação da variação da voz em relação à altura, observando como “nossa voz sobe e desce de maneira estruturada em cada enunciado, *já que* o padrão que resulta disso é o padrão entonacional do enunciado” (Trask, 2004, p. 91, grifos nossos). Tomamos a entonação como objeto de estudo, guiados pela perspectiva do Círculo, que agrega a concepção oriunda da prosódia, mas excede essa noção de entonação, a reputá-la como um elemento responsável pela exteriorização da relação emotivo-volitiva do sujeito com o objeto de sua fala. Nesse caso, a voz é instaurada como um dos aspectos da avaliação social.

A avaliação social é um dos elementos mais importantes nos estudos do Círculo de Bakhtin. Na verdade, para o Círculo não existe nenhum enunciado que não seja calcado em avaliações sociais, porque ela “está presente em cada palavra viva, já que a palavra faz parte de um enunciado concreto e singular” (Medviédev, 2016[1928], p. 183). Nesta pesquisa, tomamos a noção de avaliação social em correlação com a entonação, para afirmar que toda comunicação verbal, indiscutivelmente, envolve um tom valorativo, que alberga a presença sonora da palavra no momento da sua manifestação enquanto enunciado vivo, constituído no momento presente da enunciação. Assim, o texto enquanto enunciado é “o lugar de memória acústica e social, pois tanto o autor quanto o leitor estão totalmente impregnados de entonações, desde a mais tenra infância” (Dahlet, 2005, p. 251).

Destarte, o enunciado na corrente comunicativa apresenta-se valorado, isto é, traz, em si, a memória de valores sociais das esferas nas quais manifestou-se, cabendo à entonação a expressão desse valor. Ao realizar o trabalho de exteriorização, a entonação exprime a atitude de valor em relação ao objeto, a corporificar-se na palavra, ou seja, passando a ser um dos seus constituintes, porque sem o acento valorativo a palavra-discurso não se efetiva. Para se perceber a avaliação social engendrada no enunciado, é preciso, portanto, considerar o acento valorativo presente na palavra, que por seu turno, é manifesto na e pela entonação valorativa. Assim, reputada, a entonação age como um elemento que permite ao sujeito que ouve, construir uma imagem mental representativa a partir de uma porção da vida concreta, por isso, a entonação conta em sua manifestação com “o caráter compartilhado e subtendido das avaliações. Nesse ambiente de consentimento, ela pode desenvolver-se livremente e diferenciar-se nos limites desse tom principal” (Volóchinov, 2019[1926], p. 124). Essa perspectiva particulariza o entendimento de entonação pelo Círculo e pelos estudiosos e

explicadores das teorias ali, estudadas, justamente por se considerar essa origem social da entonação. E nesse sentido, ela é assumida como “o aspecto mais sensível, mais flexível e livre da palavra” (Volóchinov, 2019[1926], p. 127). Entra nesse entendimento não somente a palavra expressa, mas os gestos e demais expressões usadas na linguagem. O franzir da testa por parte do locutor é um desses exemplos que pode ser entonado a partir da expressão de reprovação, de ironia, de dúvida, de susto etc.

Aspectos Metodológicos

Como a fundamentação teórica é firmada em uma proposta de leitura dialógica, sustentamos nossa análise no paradigma qualitativo com base interpretativista, justamente, pela possibilidade da reconstrução dos processos e das relações que configuram a experiência que se desenvolve nas e a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos, no cotidiano. Essa abordagem concebe o pesquisador como um respondedor ativo do mundo e das coisas presentes nele. Esse caráter de não passividade, é o que autoriza o pesquisador a intervir na construção do mundo em que vive. A essa capacidade, a literatura denomina de flexibilidade.

Para o estabelecimento das relações entre o enunciado e sua constituição social e histórica, apoiamo-nos no dialogismo do Círculo de Bakhtin, porque compartilhamos do entendimento de que a língua somente se efetiva na e pela enunciação, por isso, para entendê-la, o analista precisa considerar tanto a matéria linguística quanto o contexto social no qual o enunciado é produzido e expresso. Para consubstanciar a escolha teórico-metodológica, respaldamo-nos também em estudiosos brasileiros do Círculo de Bakhtin, a exemplo de Brait (2008), Dahlet (2005); Bezerra e Menegassi (2021) que apontam algumas particularidades discursivas concernentes ao tratamento a ser dado à linguagem, usados aqui, com fins de garantia ao alcance dos nossos objetivos, porque permitem a compreensão das práticas sociais nas quais os enunciados são produzidos.

No planeamento metodológico, é preciso ainda ressaltar, que tomamos como matéria de análise, o discurso verbalmente expresso, por um sujeito sócio e valorativamente marcado na personagem fílmica da criança imersa no trabalho precoce, oprimida pelas condições sociais. Ou seja, a criança distanciada da concepção de criança discutida na modernidade. Essa escolha se justifica, por assumirmos que a compreensão do discurso se dá na assimilação do rogo infantil entonado no desejo de aprender a ler e a escrever. De igual maneira, defendemos que no enunciado, a exauribilidade temática se efetiva na consideração dos aspectos axiológicos da linguagem, de modo especial, da entonação, que se constitui como um elemento vital à produção de sentido do dizer expresso. Daí a importância de ancorar as discussões teórico-metodológicas na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, visto que, o dialogismo é, indiscutivelmente, tema dominante nas discussões de toda obra ali produzida, em qualquer que seja o objeto de sua reflexão. Nessa teia conceitual-discursiva, consideramos o enunciado

e sua expressão a partir das avaliações sociais compartilhadas pelos sujeitos historicamente situados no tempo-espaço.

A entonação valorativa no enunciado “fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”

O curta-metragem “Vida Maria”, do qual selecionamos o enunciado-referência, como exemplo modelar de análise, foi lançado em 2006 e faz parte do gênero fílmico animação. O filme aborda, nos 9 minutos de duração, a interrupção brusca da infância de uma criança, impedida de estudar para realizar atividades laborais do mundo adulto. A direção, a coprodução e o roteiro são atribuídos a Márcio Ramos, já a produção do curta, propriamente dita, é atribuída à Joelma Ramos. No primeiro quadro, buscamos resumir a temática tratada no filme, a partir da sùmula das cenas iniciais, que evidenciam o prazer da criança, personagem protagonista, ao ser inserida em práticas de leitura e de escrita. É importante salientar que os comentários analíticos a despeito das cenas inaugurais dispostas no quadro 1, são tecidos de forma mais sucinta, contendo mais descrições das cenas e menos aprofundamento no viés dialógico da linguagem, visto que, a exposição dessas cenas objetiva somente a contextualização dos fatos para poder introduzir a fase da adolescência e da vida idosa da personagem protagonista, que servem de pano de fundo à análise.

Quadro 1. Cenas da infância.



A cena mostra uma criança debruçada na janela, escrevendo o seu nome em um caderno. A realização da tarefa, parece trazer-lhe deleite, pois percebemos que há um sorriso expresso nos seus lábios. A criança está totalmente compenetrada na atividade e isso a distrai de tal maneira, que não ouve sua mãe, chamar o seu nome: “Maria José!” Após interrompê-la, a mãe ordena que ela vá cuidar dos afazeres domésticos e do campo. A menina assustada e, visivelmente contrariada, obedece e vai para o quintal, manusear uma alavanca para encher de água uma lata velha, usada ali, como balde. A cena finaliza exibindo um cenário montanhoso de terras áridas.

Fonte: RAMOS, J.; RAMOS, M. *Vida Maria* [Curta-metragem - Animação]. Fortaleza: VIACG, 2006.

O ato de escrever apresentado na primeira cena, na qual a criança aparece com o caderno na janela é, valorativamente, marcado pelos sentimentos de alegria e de deleite, visto que, no giro de cenas, há um sorriso leve em seus lábios. Já nas duas imagens subsequentes, podemos notar no rosto da menina, marcas entonacionais que revelam os sentimentos de medo, de tristeza e de pesar. Essas marcas são expressas nos olhos arregalados e fixos na mãe; nos lábios unidos um contra o outro, como se estivesse a fazer muita força para fechar a boca;

na mãozinha esquerda segurando vigorosamente o banco de madeira, como a clamar proteção. Quando tomamos esses e outros sentimentos em análise de textos, o fazemos baseados em circunstâncias reais da vida concreta, nas quais vivenciamos tais sentimentos. Considerando um contexto da vida real, vemos que é comum, por exemplo, quando uma criança tem o sentimento de medo, segurar as coisas ao seu redor, como se esse ato de se prender em algum objeto, fosse protegê-la do sujeito ou da situação que a ameaça. É nessa perspectiva sócio axiológica que ancoramos nosso objeto de estudo.

Porque para entender que os gestos e as expressões fisionômicas da personagem do filme, se constituem em respostas aos gritos e às atitudes tomadas pela mãe, precisamos recorrer a um determinado contexto social, alocado na vida concreta, porque é lá, na vida real, que os indivíduos interagem, isto é, agem e reagem às atitudes dos outros. É nesse sentido que a entonação contribui para o entendimento do discurso, uma vez que ela “firma o vínculo entre a palavra e os aspectos comportamentais dos seres humanos” (Bezerra, 2020, p. 25). Se no filme, por um lado, a mãe, mostra um comportamento furioso, por outro lado, a filha responde através de um comportamento de medo. A entonação é encarregada de organizar e manifestar tais comportamentos, afinal, “a entonação sempre está no limite entre o verbal e o extraverbal, entre o dito e o não dito” (Volóchinov, 2019[1926], p. 123, grifos do autor).

Essa reflexão a despeito da cena inicial, implica na compreensão de que o falante, ao expressar seu ponto de vista, assume um posicionamento ou uma atitude no plano dos valores, ou seja, abre um diálogo com o meio social no qual está inserido. A tristeza, a decepção, causada pela interrupção do ato de escrever o nome, torna-se material verbal para a construção do enunciado na qual os rogos infantis serão manifestados, a clamar pela formação e pelo desenvolvimento da leitura e da escrita, como prática social comum à vida de uma criança. E é exatamente isso que vai se constituir no final do filme como valor expresso no enunciado-referência. Nesse sentido, o Círculo adverte que, “antes de mais nada, o falante entra em contato com os ouvintes por meio da entonação: a entonação é social *par excellence*. Ela é especialmente sensível em relação a todas as oscilações do ambiente social que circunda o falante” (Volóchinov, 2019[1926], p. 123).

Com isso, compreendemos que a palavra na condição de discurso somente significa no processo de interação verbal estabelecido na vida concreta. Somente assim, os sentidos são edificados. Isso se justifica porque “se uma palavra isolada é pronunciada com entonação expressiva, já não é uma palavra, mas um enunciado acabado expresso por uma palavra” (Bakhtin, 2003[1979], p. 290). Nesse contexto, é que defendemos, ainda que de forma exordial, que os sentimentos permeados pelo medo, pela tristeza, pelo pesar, uma vez absorvidos, como no caso da personagem protagonista, servem de material interior na produção do enunciado que está por vir, até porque, “a linguagem social e histórica vai se tornando a linguagem interior. É a internalização da linguagem” (Radaelli, 2011, p. 31). Seguem, no quadro 2, cenas referentes à adolescência.

Quadro 2. Cenas da adolescência.



As imagens que expõem a fase da adolescência são mostradas a partir do giro da cena da criança, a manusear a alavanca. Esse trabalho se estende na adolescência, a dar indícios de que a passagem do tempo não modificou nem a paisagem, nem o seu destino. Após encher lata com água, a menina a carrega com dificuldade. A expressão de sua face evidencia um esforço descomedido para o seu porte físico de adolescente. Em determinado momento do percurso, Maria José, põe a lata no chão para descansar. Em seguida, posiciona as mãos na cintura, a respirar com dificuldade. Balança a cabeça, contrariada diante da situação. Depois, coloca novamente a lata na cabeça e segue em direção à casa.

Fonte: RAMOS, J.; RAMOS, M. *Vida Maria* [Curta-metragem - Animação]. Fortaleza: VIACG, 2006.

O entrelaçamento de cenas no Quadro 2, retrata a forma como a criança Maria José cresce e assume sua adolescência, ou seja, as perspectivas em relação ao seu crescimento, certamente, não foram traçadas por ela e nem com ela, negociadas. Essa percepção assimilada contribui para que o trabalho que Maria José realiza, não somente seja avaliado como repetitivo, mas, sobretudo, fatigante. As ações desenvolvidas pela personagem são representativas de ações similares realizadas por outras crianças no mundo concreto. São crianças constituídas em infâncias, que como a personagem Maria José, também não têm o direito de opinar quanto às escolhas que incidirão no seu futuro. Em outros termos, a questão do trabalho precoce está diretamente ligada às condições sociais. Sarmiento (2015), adverte que a maior dificuldade em relação à garantia de uma infância amparada pela normatividade está arraigada nos problemas gerados pelas diferenças culturais e pelas desigualdades sociais. E é nesse viés discursivo, que ele defende a perspectiva crítica, dizendo que um dos aspectos que ela “introduz no debate é a recuperação do ponto de vista das crianças para a análise das desigualdades” (Sarmiento, 2015, p. 41).

Essas percepções da personagem Maria José são entoadas em suas ações, já que não há enunciado verbalmente expresso nas cenas, mas o discurso subtendido está atravessado pelas avaliações feitas pela personagem. Mas é importante lembrar que essa valoração não é individual, o discurso interiorizado e expresso em gestos é oriundo de toda a situação sócio-histórico-ideológica que Maria José está inserida. Aqui, começa a se perceber o armazenamento de matéria verbal que irá se constituir, mais tarde, no enunciado de referência. Nesse contexto, Volóchinov (2019[1926]) argumenta que as avaliações sociais fundamentais são concebidas a partir das questões econômicas de determinados grupos sociais, por isso, não há necessidade de enunciá-las, porque “entraram na carne e no sangue de todos os representantes desse grupo; elas organizam os atos e as ações, é como se elas se unissem aos

objetos e fenômenos que lhes correspondem” (Volóchinov, 2019[1926, p. 122]), justamente por isso, não precisam de formulações verbais específicas.

Vejamos, por exemplo, a posição dos braços de Maria José, na primeira imagem do Quadro 2, ao realizar a tarefa de encher o balde com água. Ela usa seu braço direito para segurar a manivela, a fim de fazer o movimento que impulsiona a água até o balde, enquanto o braço esquerdo está caído, ou seja, descansa pesadamente, sobre o corpo. Cenas como essas, na vida real, nos remete à noção de cansaço físico. A postura entona sempre um sentimento humano, é também uma forma de dizer, de enunciar algo. Outro exemplo desse processo enunciativo, é que a expressão do rosto da personagem admite a compreensão de um sentimento de insatisfação. Essa expressão é registrada pelas linhas utilizadas para desenhar o contorno dos olhos, porque são usados tracinhos bem repuxados, de maneira a deixar o olhar voltado para baixo, mas, fixo em um horizonte distante, fincado no nada. O queixo se constitui em outro elemento, já que a personagem o deixa completamente encostado no seu peito. Essas marcas valorativas constroem uma imagem metafórica que entona a manifestação de certa desolação na vivência da adolescente e que vem sendo desenvolvida dessa maneira, desde a infância.

Ao tomarmos a entonação como elemento para auxiliar na análise dessas cenas enunciativas de valores socialmente compartilhados, aceitamos que a ela cabe o papel de realçar a palavra, o gesto, a imagem, a expressão etc. Exatamente por isso, apoiamos-nos nos estudos que fazem referência à entonação valorativa como um traço constitutivo do enunciado (Bakhtin, 2003[1979]), bem como, em Bezerra e Menegassi (2020, p. 29-30) que, ancorados nos estudos do Círculo de Bakhtin, esclarecem que é “na entonação que o discurso entra em contato com a vida e é por meio dela que os valores sociais são desvelados, isto é, os desejos, as impressões, as angústias, entre outros aspectos emotivos-volitivos da atividade humana são percebidos.”

Essa escolha, que é também de ordem metodológica e operacional, admite vir à tona, traços da historicidade, da cultura, da ideologia que se manifestam nos valores sociais compartilhados, porque é pela entonação valorativa que a avaliação social se manifesta. Por isso, o conjunto de cenas descrito no quadro acima, faz com que a sucessão de ações realizadas pela protagonista, agora adolescente, seja traduzida pelo tom de cansaço, revelem que as tarefas, a ela, cabíveis, não abrem espaços para outras perspectivas de vida. É, necessariamente, na reconstrução dessa imagem metafórica de desalento, de insatisfação, que os elementos alteritários abrigados na dimensão social, são desvelados no filme. Essa percepção se dá no processo de interação com a vida real, da qual emerge o conjunto de valores comungados socialmente.

Duas ações da personagem marcam o posicionamento avaliativo dos trabalhos laborais realizados por ela e que nos autoriza a deduzir que as cenas que remetem à adolescência, se constituem como respostas da protagonista ao destino que lhe é imposto. A primeira delas,

mostra Maria José, sem expressividade no olhar, pegando a lata cheia de água e carregando-a com dificuldade (na segunda imagem da cena). A expressão de sua face evidencia um esforço físico extremo. A segunda cena mostra que, em determinado momento do percurso, Maria José, vencida pela extenuação do trabalho braçal desmedido, põe a lata no chão para descansar (na terceira imagem da cena). Em seguida, posiciona as mãos na cintura e respira com dificuldade, a demonstrar o peso que carrega. Balança a cabeça, de um lado para o outro, como quem se nega a acreditar na situação que vivencia, dando a entender, mais uma vez, sua insatisfação, ante ao visível esgotamento físico causado pelas condições sociais. Em extensão, a personagem coloca novamente a lata na cabeça e segue seu percurso naquele espaço-tempo demarcado pelas condições sociais, o que nos permite entender que aquela cena será repetida várias vezes, ao longo de sua jornada. E que sua resposta à situação impositiva que lhe foi apresentada é, simplesmente, continuar com a labuta cotidiana e seguir os passos do seu grupo social.

Ao refletirmos de forma mais minuciosa sobre essa resposta da protagonista, vemos que essa começou a ser constituída, a partir dos fatos vivenciados na infância e somente foi consumada, na adolescência. Assim, somos levados a uma reflexão concernente à configuração da infância naquela região, a partir do que é posto no gênero curta-metragem, em análise. Ora, se a realidade ali, se propõe a retratar um contexto social, no qual o tema é instituído, justamente pelo fato de a personagem principal ter tido, por um lado, o seu processo de alfabetização interrompido por sua mãe, ainda na infância. E, por outro, acentuar a noção de que sua mãe também passou por situação similar, então, qualquer reflexão a ser subtraída do filme, deve pontualmente, agregar a ideia de que existem crianças, a exemplo de Maria José, que não são contempladas no seu direito à educação formal, por não encontrarem no próprio território, alternativas que apontem para mudanças substanciais no rumo de suas vidas. São infâncias de crianças que não estudam, porque precisam trabalhar. A elas, são dadas responsabilidades de adultos. Para Sarmiento (2015, p. 41), “as desigualdades sociais na infância constituem-se como objeto de conhecimento científico desde há muito. [...]. O ponto de vista particular das crianças não é complementar ou adjacente à racionalização da vida social, mas é dela parte integrante.”

É, necessariamente, desse processo opressor que a vontade de dizer da personagem se edifica, pois apesar de o enunciado ser individualizado, já que é determinado por um falante, a sua realização se dá pela mobilização das valorações que esse sujeito possui, ou seja, o ato de estudar, sonho de infância da personagem, passa a ser assimilado como uma impossibilidade na adolescência. Esse é o discurso interiorizado por Maria José. O ato de balançar a cabeça, de um lado para o outro, respirar fundo e continuar os afazeres é, do ponto de vista dialógico-valorativo, o entendimento de que não adianta manter vivo, o sonho de aprender a ler e a escrever, já que a situação social, naquele espaço-tempo não mudará. Sobre isso, Radaelli (2011, p. 33) argumenta que “ao expressarmos a nossa compreensão sobre qualquer tema,

nossa palavra retorna sempre modificada para o interior de nosso pensamento.” Em outros dizeres, a avaliação social feita pela personagem Maria José e interiorizada como discurso é, impreterivelmente, perpassada por novas valorações, posto que, “a entonação avalia a palavra em uso, o que permite sua atualização, ou seja, contribui com a assimilação, a reavaliação e a reelaboração da palavra-discurso (Bezerra, 2020, p. 85).

O posicionamento assumido por Maria José é também definido na e pela relação que a personagem estabelece tanto com o antigo desejo de escrever o nome, objeto de sentido do enunciado que será proferido na velhice, quanto com os enunciados ouvidos ao longo de sua jornada. Isso quer dizer que a mãe, o pai, os irmãos, o esposo, os filhos, etc., se constituem como colaboradores da comunicação. Daí, a afirmação de que o enunciado é individual, mas também, é coletivo. O quadro 3, traz as cenas finais do filme e, entre elas, a cena na qual ocorre a verbalização do enunciado, objeto desta análise.

Quadro 3. Cenas da vida idosa.



Maria José aparece vestida de preto, com cabelos brancos e segue para a porta da casa, chamando sua filha: “*Lurde, ô Lurde, ô Lurde!*” Abre a porta! Entra e caminha em direção à sua filha, Maria de Lourdes, que se encontra ajoelhada no banquinho de madeira, na janela da sala, debruçada sobre um caderno e com um lápis nas mãos. A cena é congênere à cena da mãe, quando criança, como também são congêneres, as atitudes de Maria José em relação à sua filha, Maria de Lourdes.

Ao ser expulsa do quarto, a menina sai correndo, tal qual sua mãe, nas primeiras cenas do filme. Maria José lança um olhar para a menina e profere verbalmente o enunciado-referência, sob a forma de um resmungo: “fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”

Fonte: RAMOS, J.; RAMOS, M. *Vida Maria* [Curta-metragem - Animação]. Fortaleza: VIACG, 2006.

Essa imagem retrata o momento em que o enunciado é verbalmente expresso. A personagem o pronuncia devagar e com tom de pesar. Assim, verbalizado, o enunciado materializa por meio da entonação, o acatamento das condições sociais, que ela vem testemunhando com sua própria vivência. Ao pronunciar de forma murmurada o discurso “fica aí, fazendo nada, desenhando nome!”, Maria José, já idosa, traz à tona, a representação de tantas outras crianças que vivem de maneira igualitária e isso ocorre por meio da entonação valorativa, porque a “entonação é firmada nas práticas compartilhadas dos grupos sociais que a manifestam, esse apoio é o que proporciona sustentação e firmeza ao enunciado, na prática, a entonação forma um fundo entonacional para o coletivo social do falante” (bezerra, 2020, p. 41). É o olhar de Maria José reflexivo e fixo no horizonte através da janela, instantes antes do enunciado analisado ser proferido, após ordenar que sua filha fosse realizar os afazeres domésticos, que proporciona uma refração de valores sociais que se estabelecem de maneira

gradativa. Isso ocorre por meio da tomada de consciência de tudo que ela vivenciou durante sua infância e adolescência, uma espécie de síntese valorativa das relações dialógicas do que ela já tem conhecimento com o que ela observa no momento presente. Vemos aqui, o embate do discurso interior com o discurso exterior, a propiciar à protagonista, a concretização do pensamento que sua mãe tinha, isto é, a falta de perspectiva de mudança no espaço social em que vivem.

A expressão no rosto da personagem, entona desolação ao dizer: “Fica aí, fazendo nada, desenhando nome”. Podemos refletir: qual é o “lugar social”, ao qual Maria José se refere no discurso *Fica “aí”*. Ora, sua filha estava no quarto da casa. No mesmo lugar de onde foi retirada quando criança. Esse lugar é marcado ideologicamente pela situação de pobreza, de carência, de falta de perspectiva. O que se tem de real ali, naquele contexto, são as atividades laborais que garantem, o mínimo, para a sobrevivência. O “aí”, posto no enunciado, diz respeito a um lugar representativo de tantos outros lugares. É, na verdade, a imagem metafórica da desigualdade social e dos problemas culturais de tantas infâncias. É a voz social que exprime a ideia de que, se não há perspectiva de crescimento naquele lugar e, o que há de fato, é muito trabalho braçal para realizar, então, a criança passa a assumir o trabalho de adultos. Dito em outras palavras, ficar aprendendo a ler e a escrever “o nome” naquele lugar, é fazer “nada”, como foi proferido no discurso. Ali, não há espaço para um sujeito com nome. O “nome”, naquela situação social, passa a ser somente um número a mais, no ranking que mede a exclusão e a invisibilidade sociais.

Nessa lógica, Dahlet (2005, p. 250) esclarece que o sentido de voz, para o Círculo, “é mais de ordem metafórica, porque não se trata concretamente de emissão vocal sonora, mas de memória semântico-social depositada na palavra”. É no coletivo social que a memória social se efetiva e de lá “os julgamentos de valor integrados a uma porção da vida experienciada, ao serem compartilhados, se prestam para organizar o enunciado, bem como, a sua entonação, já que o valor é próprio da atividade humana” (Bezerra; Menegassi, 2021, p. 40). Precisamente, por considerar essa perspectiva, percebemos no enunciado verbalmente expresso, pela personagem Maria José, a entonação do “rogo infantil” de querer ler e escrever. O discurso proferido clama pelo direito de estudar.

Conclusão

A entonação é concebida pelo Círculo de Bakhtin como o tom discursivo das práticas sociais, e, pontualmente por isso, foi escolhida para a ancoragem da proposta de leitura dialógica, instaurada a partir do enunciado de referência. Nosso intuito foi mostrar que ao ser considerada na análise dos enunciados, a “entonação valorativa”, age como um elemento que materializa o projeto do falante, por desvelar as avaliações sociais, o que favorece a construção de sentidos.

Apontamos como considerações parciais, que a entonação coadjuva no processo de compreensão dos gêneros, incluindo o enunciado filmico, tomado como objeto deste estudo. Ao averiguarmos a manifestação da entonação como portadora da avaliação social, trouxemos à tona, a memória social de sujeitos marcados pela pobreza gerada nas desigualdades sociais. Vimos que o discurso da protagonista, ao dizer que ficar escrevendo “o nome”, é não realizar um trabalho efetivo, admite a exteriorização de uma avaliação social calcada em um conjunto de práticas sociais compartilhadas pelo trabalho braçal que, diferentemente, do trabalho intelectual, se constitui como essencial à sobrevivência de determinados grupos sociais. O que implica na compreensão de que as condições sociais incidem diretamente nas infâncias constituidoras das nossas crianças. Nessa linha reflexiva, ousamos afirmar, que o conhecimento acerca das características da entonação valorativa é imprescindível na análise e na interpretação dos enunciados.

REFERÊNCIAS

- Abramowicz, A., Moruzzi, A. B. (2016). Infância na contemporaneidade: questões para os estudos sociológicos da infância. *Crítica Educativa*, Sorocaba/SP, v. 2, n. 2, p. 25-37, jul./dez. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/94>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- Bakhtin, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. Tradução de: BEZERRA. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1979].
- Bezerra, J. C., Menegassi, R.J. (2021). A entonação valorativa em atividades de leitura no livro didático de português. In: Beloti, A. Polato, A. M., Brito, A. *Dialogismo e ensino de línguas: reflexos e refrações na práxis*. Campo Mourão (PR), Editora Felcicam, p. 28-48.
- Brait, B. (2008). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto.
- Dahlet, V. (2005). A entonação no dialogismo bakhtiniano. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. 2. ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp.
- Medviédev, P. N. (2016). *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de: Grillo, S., Américo, E. V. São Paulo: Contexto, [1928].
- Radaelli, M. E. (2011). Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. *Revista Thêma et Scientia*. Cascavel (PR), v. 1, n. 1., p. 30-34, jan./jun. Disponível em: <http://www.themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/issue/view/1/showToc>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- Ramos, J., Ramos, M. (2006). *Vida Maria* [Curta-metragem - Animação]. 9 min. color. son. Fortaleza: Viacg. Disponível em: <https://www.agrandeartedeserfeliz.com/vida-maria-um-curta-metragem-que-todos-os-alunos-devem-assistir/>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- Sarmento, M. Jacinto. (2015). Uma agenda crítica para os Estudos da Criança. *Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36710>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- Trask, R. L. (2004). *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução de: Ilari, R. São Paulo: Contexto.
- Volóchinov, V. (Círculo de Bakhtin) (2019). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Tradução de: Grillo, S., Américo, E.V. São Paulo: Editora 34, [1926].